

## Os movimentos metafísicos da Filosofia Portuguesa Contemporânea

*The Metaphysical Movements of Portuguese Contemporary Philosophy*

SAMUEL DIMAS<sup>1</sup>

Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, Portugal  
sdimas@ucp.pt

### RESUMO:

Este artigo tem como objetivo identificar no pensamento português contemporâneo as suas principais correntes metafísicas e os filósofos a elas associados. Procura, igualmente, caracterizar a especificidade da filosofia portuguesa no contexto europeu, que se traduz na sua teoria da saudade e na tradicional relação umbilical com a literatura e a teologia, nomeadamente, na forma poética e na expressão mística ou espiritual. Assumindo a íntima união entre a razão e a emoção, a razão e a fé, o entendimento e a experiência, a metafísica portuguesa está centrada nas noções de Mistério e Excesso e procura uma incessante superação dos monismos panteístas e dos dualismos deístas. O resultado traduz-se na assunção de três vias fundamentais: a metafísica da cisão e da restauração fundada no pantiteísmo emanatista da união divina impessoal; a metafísica da queda e da redenção, fundada no teísmo da união divina pessoal; a metafísica da criação e da manifestação, fundada no teísmo criacionista da transcendência imanente sob as formas de comunhão pessoal e plenificação universal.

**Palavras Chave:** metafísica, filosofia portuguesa, panteísmo, pantiteísmo, teísmo

### ABSTRACT

This article aims to identify in contemporary Portuguese thought its main metaphysical currents and the philosophers associated with them. It also seeks to characterize the specificity of Portuguese philosophy in the European context, which translates into its theory of melancholy and the traditional umbilical relationship with literature and theology, namely, in its poetic form and in its mystical or spiritual expression. Assuming the intimate union between reason and emotion, reason and faith, understanding and experience, Portuguese metaphysics is centered on the notions of Mystery and Excess and seeks an incessant overcoming of pantheistic monisms and deistic dualisms. The result is translated

---

<sup>1</sup> Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos  
Rf.<sup>a</sup> UIDB /00683/ 2020, FCT  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0968-3616>  
Scopus Author ID: 57189442827

into the assumption of three fundamental paths: the metaphysics of split and restoration founded on the emanatist pantheism of impersonal divine union; the metaphysics of the fall and redemption, founded on the theism of personal divine union; the metaphysics of creation and manifestation, founded on the creationist theism of immanent transcendence under the forms of personal communion and universal fulfillment.

**Keywords:** metaphysics, Portuguese philosophy, pantheism, theism

## **Introdução: os movimentos da Filosofia Portuguesa contemporânea, no desígnio comum da relação entre filosofia e teologia, ciência e religião**

Com este artigo, pretendemos apresentar as principais tendências do pensamento filosófico português contemporâneo de inspiração espiritualista e metafísica, na sua multiplicidade e especificidade. O “pensar filosoficamente” enquanto produto da cultura portuguesa contém algumas especificidades que o diferenciam de outras mundividências, e das quais destacamos a metafísica da saudade, seja no sentido circular panenteísta grego, seja no sentido histórico-linear teísta judaico-cristão, a qual é traduzida desde a filosofia medieval pela noção de “desejo natural de Deus”,<sup>2</sup> que significa a relação originária da natureza humana com o seu fim último divino,<sup>3</sup> traduzida pela imagética de regresso ao paraíso terreal ou celestial.

Mas o pensamento português que se desenvolve a partir da Renascença Portuguesa, embora fundado numa reflexão metafísica de alcance fenomenológico e histórico-hermenêutico que privilegia a relação com a religião e a teologia, não se reduz ao saudosismo de Pascoaes ou ao criacionismo de Leonardo Coimbra, acolhendo diversas perspetivas filosóficas, teológicas, estéticas, pedagógicas e políticas e hospedando diversas gerações de pensadores com propostas metafísicas distintas.<sup>4</sup> Assim, a afirmação de que este movimento cultural “requer um afastamento equidistante [...] do catolicismo ortodoxo e do ensino das instituições públicas”,<sup>5</sup> apenas se compreende no sentido em que dá legitimidade ao

<sup>2</sup> “omnis intellectus naturaliter desiderat divinae substantiae visionem”. TOMÁS DE AQUINO, *Summa contra Gentiles*, liber. III, cap. 57, Madrid: BAC, 2007, p. 214

<sup>3</sup> Cf. FREITAS, MANUEL BARBOSA DA COSTA, *O Ser e os Seres: Itinerários Filosóficos*, vol. I, Lisboa, Editorial Verbo, 2004, p. 494.

<sup>4</sup> Cf. TEIXEIRA, ANTÓNIO BRAZ, “A ‘Renascença Portuguesa’, Movimento plural”, Paulo Borges, Bruno Béu de Carvalho (org.), *A Renascença Portuguesa, Tensões e Divergências*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2014, p. 51.

<sup>5</sup> GOMES PINHARANDA, JESUÉ, “Aspectos da filosofia católica em Portugal na 2.ª metade do século XX”, *Lusitana Sacra*, 2.ª série, num. 12, 2000, p. 343.

pensamento livre das tertúlias filosóficas de café e promove a criação de saberes inéditos e heterodoxos, não se limitando a um historicismo ou a uma repetição de correntes e autores importados das escolas grega, medieval, alemã, inglesa, espanhola ou francesa.

## **1. O movimento filosófico da Escola Portuense, de inspiração pantiteísta sob o magistério de Sampaio Bruno e José Marinho e de inspiração teísta judaico-cristã sob o magistério de Leonardo Coimbra e Álvaro Ribeiro**

O movimento filosófico da chamada Escola Portuense, contemporânea da Escola de Madrid, tem início no século XIX em autores como Amorim Viana (1822-1901), Guerra Junqueiro (1850-1923), Basílio Teles (1856-1923), Sampaio Bruno (1857-1915) e Teixeira de Pascoaes (1877-1952), sendo depois consolidado e desenvolvido em torno da primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1919-1928) por Leonardo Coimbra (1883-1936) e por muitos colaboradores próximos, como Teixeira Rego (1881-1934), Jaime Cortesão (1884-1960), Hernâni Cidade (1887-1975), Ângelo Ribeiro (1886-1936), Mendes Correia (1888-1960), Aarão de Lacerda (1890-1947), Eugénio Aresta (1891-1956), Newton de Macedo (1894-1944), Sant'Anna Dionísio (1902-1991), José Marinho (1904-1975), Álvaro Ribeiro (1905-1981) e Delfim Santos (1907-1966) e Augusto Saraiva (1900-1975).

Este amplo e plural movimento da Filosofia Portuguesa, fundamenta-se na preocupação comum de pensar filosoficamente em português, dialogando com os grandes autores da cultura lusófona e identificando a especificidade da sua situação através de vias racionalistas e espiritualistas, como a teoria da saudade, por oposição às perspetivas positivistas e materialistas. Neste processo emerge uma racionalidade própria a partir da qual dialogamos no contexto do pensamento universal: trata-se da racionalidade enigmática ou aporética, mistérica, cordial e comovida da metafísica saudosa do Mistério. A instância indubitável do exercício filosófico não é a subjetividade do cogito e da razão pura, mas o mistério da Vida na sua fundamentação ontológica. É uma racionalidade mistérica, porque reconhece o mistério do Ser e o seu excesso na relação de constituição ontológica e de desenvolvimento gnosiológico: a luz meridiana da razão lógico-analítica é precedida pela luz crepuscular e auroral da razão poética e cordial que experiencia o fundamento inefável de ser.

Este projeto cultural da Renascença Portuguesa e do seu órgão *A Águia - revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica* (1910-1932), que levantara voo no Porto sob o impulso inicial de Teixeira de Pascoaes e de Leonardo Coim-

bra adquire o reconhecimento de si mesmo com a dinâmica imposta por dois grupos distintos que desenvolvem em Lisboa uma importante atividade cultural: a) o grupo da revista *Seara Nova* (1921-1984), que, sob a liderança inicial de pensadores como Raul Proença (1884-1941), Jaime Cortesão e António Sérgio (1883-1969) e com a participação de Hernâni Cidade (1887-1975), Fidelino de Figueiredo (1888-1967), Vieira de Almeida (1888-1962), Abel Salazar (1889-1946) Joaquim de Carvalho (1892-1958), Adolfo Casais Monteiro (1908-1972), Joel Serrão (1919-2008) e Mário Sottomayor Cardia (1941-2006), desenvolveu um espírito anti-saudosista, progressista e liberal com objetivos políticos bem definidos de oposição ao regime e de abertura à cultura racionalista europeia; b) na continuidade da Renascença Portuguesa, o Movimento da Filosofia Portuguesa, que, através do Movimento 57 e do seu órgão *Jornal 57 – Folha Independente de Cultura* (1957-1962), sob a liderança de António Quadros (1923-1993) e Orlando Vitorino (1922-2003), se mantém fiel ao sentimento eclético e espiritual da Renascença sob o magistério de José Marinho (1904-1975) e Álvaro Ribeiro (1905-1981), nomeadamente através das tertúlias filosóficas em cafés de Lisboa.

No Movimento da Filosofia Portuguesa devemos destacar ainda os nomes de Francisco Sottomayor, Afonso Botelho, Pinharanda Gomes, António Braz Teixeira, Luís Furtado, Joaquim Domingues, António Telmo, Orlando Vitorino e Manuel Ferreira Patrício. Desenvolve um trabalho cultural que procura preservar a identidade nacional, sem negar o diálogo com outras culturas, dando continuidade a novos projetos como a *Dionysos: revista mensal de filosofia, ciencia e arte* (1912-1928), de Aarão de Lacerda (1863-1921); o *Jornal 57*, dirigido por António Quadros; a revista *Acto* (1951-1952), dirigida por António Quadros e Orlando Vitorino; a *Revista Espiral – Cadernos de Cultura* (1964-1966), de António Quadros (1923-1993) e António Braz Teixeira; a revista *Escola Formal* (1977-1978) dirigida por Afonso Botelho (1919-1998) e Orlando Vitorino; a *Nova Renascença – Revista trimestral de cultura* (1980-1999), dirigida por José Augusto Seabra; a *Leonardo – Revista de Filosofia Portuguesa* (1988-1989), sob a direção de Francisco Moraes Sarmento e a revista *Teoremas de Filosofia – Caderno Semestral de Filosofia Portuguesa* (200-2005), sob a direção de Joaquim Domingues e de Pedro Sinde.

Como manifestação maior do legado da Escola Portuense, devemos referir a constituição do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira (1991) que, sob o impulso de Afonso Botelho, Francisco da Gama Caeiro, António Braz Teixeira, José Esteves Pereira, Eduardo Abranches de Soveral, Manuel Ferreira Patrício, Leonel Ribeiro dos Santos, Alexandre Fradique Morujão, Paulo Borges e Miguel Reale, procurou, na ausência dos mestres Álvaro Ribeiro e José Marinho, dar continuidade institucional ao Movimento da Filosofia Portuguesa e a toda a filosofia realizada sob o magistério da Escola Portuense. O diálogo

foi alargado ao Brasil recuperando pontes anteriormente lançadas por Agostinho da Silva, Eudoro de Sousa (1911-1987) e João Ferreira. No seu seio nasce o projeto da *Nova Águia – Revista de Cultura para o século XXI*, com início em 2008 fundada por Renato Epifânio, Paulo Borges e Maria Celeste Natário e com ele a fundação, em 2010, do MIL: Movimento Internacional Lusófono, presidida por Renato Epifânio, que visa promover o reforço dos laços culturais entre os países e regiões do espaço lusófono.

Em parceria com o Instituto, que teve a missão de continuar a aproximação entre a Filosofia Portuguesa e a Academia, iniciada por Gama Caetano na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, desenvolvem-se muitas iniciativas de investigação com diferentes instituições lusófonas, de que destacamos para já: a) o Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa com o seu Centro de Estudos de Pensamento Português e os pensadores Ângelo Alves, Arnaldo de Pinho, Afonso Rocha, Jorge Cunha, José Acácio de Castro, Maria Manuela Brito Martins, José Pedro Angélico e José Rui Teixeira; b) a sede da UCP em Lisboa com os Centros CLCPB – Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, sob a coordenação de Manuel Barbosa da Costa Freitas e o CEFi – Centro de Estudos de Filosofia, sob a coordenação de Manuel Cândido Pimentel, e os pensadores Joaquim Cerqueira Gonçalves, Carlos Silva, Artur Mourão, Maria de Lourdes Sirgado Ganho, Mendo Castro Henriques, Joaquim Cardozo Duarte, Américo Pereira, Carlos Morujão, Inês Bolinhas, Luís Lóia e Samuel Dimas; c) a segunda Faculdade de Letras da Universidade de Porto, que, para além do trabalho realizado por autores como Luís Araújo, no âmbito da ética, Maria Cândida Pacheco e Paula Isabel do Vale Oliveira e Silva no âmbito da Filosofia Medieval, bem como Maria José Cantista no plano da filosofia contemporânea e da fenomenologia e Paula Cristina Moreira da Silva Pereira, no campo da filosofia da Educação, desenvolve na última década, ainda sob o magistério de Eduardo Abranches de Soveral, uma consistente investigação no âmbito das relações entre Filosofia e literatura na cultura portuguesa através dos projetos do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, coordenado por Maria Celeste Natário e Renato Epifânio; d) A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com o seu Centro de Filosofia (CFUL) e os pensadores Paulo Borges, Pedro Calafate, Leonel Ribeiro dos Santos, Fabrizio Boscaglia, Romana Valente Pinho, Sofia Alexandra Carvalho e Pedro Vistas; e) A Universidade Nova de Lisboa com o seu Centro de Humanidades (CHAM), que através do Grupo de Investigação “Cultura, história e pensamento ibéricos e ibero-americanos” **dá continuidade ao trabalho** impulsionado por José Esteves Pereira, na promoção da cultura luso-brasileira e ibero-americana, destacando-se o contributo de autores como Adelino Cardoso, Luís Bernardo, Berta Pimentel Miúdo, Cristiana Paszkiewicz, Margarida Almeida Amoedo e Teresa Lousa.

## **2. O movimento filosófico da *Escola Bracarense*, de inspiração tomista com preocupações metafísicas e epistemológicas**

Mas a Universidade Católica Portuguesa encerra um outro movimento de valorização do pensamento português, que não estando hoje tão estreitamente ligado aos movimentos da Escola Portuense e do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, com eles desenvolveu atividades e investigação sob a iniciativa impar da *Revista Portuguesa de Filosofia*, constituindo-se como uma escola: a *Escola Bracarense*.<sup>6</sup> Através do seu corpo docente constituído por mestres jesuítas, promove uma metafísica teísta ortodoxa de cultura filosófico-teológica judaico-cristã que se desenvolve no contexto da neo-escolástica, pela via agostiniana e pela via tomista, cuja restauração se iniciou na segunda metade do século XIX sob o impulso da Encíclica *Aeterni Patris* de Leão XIII, segundo princípios comuns, embora como métodos e vias metafísicas distintas.

Na restauração do tomismo da Escola Bracarense, é significativa a ação de Manuel José Martins Capela (1842-1925), que, em 1896 é nomeado como primeiro professor da cadeira de *Filosofia de São Tomás*, anexa ao 1.º ano do curso do Seminário de Braga, fazendo uso da obra de Tiago Sinibaldi. O Grupo da Faculdade de Filosofia de Braga, que permanece com o método racional de investigação, dá continuidade ao diálogo entre a tradição e os movimentos contemporâneos não escolásticos, como por exemplo a filosofia da ação de Blondel e a filosofia da existência de Gabriel Marcel. Em permanente diálogo com a ciência e com as correntes filosóficas europeias, o seu trabalho de investigação é desenvolvido através do seu órgão oficial *Revista Portuguesa de Filosofia* fundada em 1945 na sequência da criação do Instituto de Filosofia Beato Miguel de Carvalho em 1934.

Desta Escola devemos destacar o trabalho de autores como Cassiano Abranches (1896-1983), António Dias de Magalhães (1907-1972), Mário Martins (1908-1990), Diamantino Martins (1910-1979), Lúcio Craveiro Da Silva (1914-2007), Vitorino de Sousa Alves (1915-2002), José Bacelar e Oliveira (1916-1999), Júlio Fragata (1920-1985), e, mais recentemente, Jorge Coutinho (1939-2015), Alfredo Dinis, José Gama e João Duque. Tal como o confirma de forma explícita Cassiano Abranches, o realismo metafísico do neo-tomismo contemporâneo e o ideorrealismo criacionista do movimento da Filosofia Portuguesa fundamentam-se na mesma tradição judaico-cristã da desproporção entre o Mistério da realidade infinita de Deus e

---

<sup>6</sup> Cf. BRAZ TEIXEIRA, ANTÓNIO, *A Filosofia da Escola Bracarense*, Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2010, p. 117.

o conhecimento finito das criaturas, com recurso à noção heideggeriana de *inadequação*: “A admissão do realismo metafísico, fundado no ser, leva-nos a admitir uma inadequação entre o nosso pensamento e a realidade, o que explica o facto de se ter sucedido uma série de doutrinas que mutuamente se contradizem, numa sucessão antitética de concepções parciais da realidade”.<sup>7</sup> É fecundo o diálogo de Cassiano Abranches com o tomismo transcendental da Escola de Lovaina, fundado por Joseph Maréchal e seguido por outros teólogos importantes como Karl Rahner, no reconhecimento de uma inadequação entre o pensar e o ser e de uma experiência transcendental e atemática do mistério de Deus que é condição de possibilidade do seu questionamento explícito e de todo o discurso teológico.

Aluno de Leonardo Coimbra no Liceu de Rodrigues de Freitas, o padre jesuíta António Barbedo Pereira Dias de Magalhães, que lecionou História da Filosofia Portuguesa na Faculdade de Filosofia da UCP no polo regional de Braga, dedica-se ao estudo das obras dos amigos Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra, nomeadamente sobre o tema da saudade nesta mesma perspetiva da diferença ontológica entre a finitude do Mundo e a infinitude de Deus transcendente. Identifica como especificidade dos filósofos portugueses o facto de também serem teólogos e desenvolve uma metafísica do Mistério que inclui os elementos sobrenaturais da graça e da revelação, criticando Kant por ter consumado a cisão entre a razão e a fé. Assim, apresenta a sentimento espiritual da saudade como manifestação de carência da plenitude do Ser: “O estado saudoso é o sentimento espiritual do ser contingente, a revelação, no mais profundo nível óntico-psicológico de cognição por co-naturalidade, do que, no nível cognitivo da abstração racional e metafísica, definimos contingência”.<sup>8</sup> Em comum com a metafísica da saudade do espírito da Renascença e do Movimento da Filosofia Portuguesa esta ideia de que “[...] a Saudade é o luar divino que marca, no Exílio, distância da pátria celestial [...] o fluxo-refluxo do homem para Deus, da pátria temporal para a pátria da eternidade”.<sup>9</sup>

No mesmo sentido, o pensamento de Mário Martins, dramático, mas não trágico, desenvolve-se em diálogo com uma grande diversidade de autores religiosos da cultura portuguesa desde o século IV à contemporaneidade, por meio de uma hermenêutica mística que procura atender à contraposição entre a contingência material da temporalidade e a perfeição espiritual da vida infinita e absoluta em Deus, representada com a imagem do “paraíso-por-a-

<sup>7</sup> Cf. ABRANCHES, CASSIANO DOS SANTOS, *Metafísica*, Braga: Livraria Cruz, 1956, p. 13.

<sup>8</sup> MAGALHÃES, ANTÓNIO DIAS DE, “Da História à Metafísica da Saudade”, in *Saudade e Ser*, in Afonso Botelho e António Braz Teixeira (organização), *Filosofia da Saudade*, Lisboa: INCM, 1986, p. 266.

<sup>9</sup> COIMBRA, LEONARDO, “A saudade luso-galaica”, in *Obras Completas*, Vol. VIII, Lisboa: INCM, 2014, p. 744.

char”.<sup>10</sup> Não nos sendo possível continuar este diálogo, podemos dizer que em comum, uma grande preocupação pela dimensão concreta e dinâmica da realidade no diálogo com a cultura e a ciência, através de uma reflexão filosófica de alcance transcendental, fundada na intuição e na analogia que tem como objetivo principal estabelecer o significado da relação assintótica entre Deus infinito criador e os seres finitos e contingentes.

### **3. O movimento filosófico em Coimbra: do racionalismo krausista à filosofia fenomenológica e dialógica com abertura à metafísica neo-escolástica**

O movimento filosófico contemporâneo coimbrão é muito diversificado, iniciando-se sob inspiração do racionalismo krausista, introduzido por Vicente Ferrer Neto Paiva (1798-1886), através da obra de Filosofia do Direito do seu discípulo Joaquim Maria Rodrigues de Brito (1822-1873), que na redação das *Prelecções de Direito Natural* já enuncia uma posição divergente do seu mestre, explicitada depois na sua obra *Philosophia do Direito* através de uma preocupação em consumir o Bem da harmonia paradisíaca na existência terrena.

No entanto, embora sem estar integrado na carreira académica, a maior referência da filosofia portuguesa ligada a Coimbra é o filósofo José Maria da Cunha Seixas (1836-1895) que, através da sua metafísica pantiteísta, viria a marcar de forma significativa o pensamento de autores como Antero de Quental (1842-1891), Amorim Viana, Sampaio Bruno, Guerra Junqueiro (1850-1923), Raul Brandão (1867-1930), Teixeira de Pascoaes (1877-1952), Sant’Anna Dionísio (1902-1991), José Marinho (1904-1975) e Orlando Vitorino (1922-2003).

A metafísica de José Maria da Cunha Seixas apresenta um movimento triádico de *Ser, Manifestação e Harmonia*<sup>11</sup> a que dá o nome de *pantiteísmo* que significa *Deus em tudo*,<sup>12</sup> mas que, à semelhança de Krause, também se distingue do panteísmo, porque não significa uma simétrica identificação mas sim um excesso de Deus em relação aos seres criados, pelo que não é possível o conhecimento absoluto da essência divina a partir do mundo ou dos homens.<sup>13</sup> Embora procure resolver o problema da relação entre Deus e o Mundo por via de uma valorização monista da imanência e da presença, per-

<sup>10</sup> Cf. MARTINS, MÁRIO, *Introdução histórica à vidência do tempo e da morte*, vol. I, Braga: Livraria Cruz, 1969, pp. 13-14.

<sup>11</sup> Cf. SEIXAS, JOSÉ MARIA DA CUNHA, *Princípios Gerais de Filosofia e outras obras filosóficas*, Pref. de Eduardo de Abranches de Soveral, Lisboa: INCM, 1995, p. 501.

<sup>12</sup> Cf. SEIXAS, JOSÉ MARIA DA CUNHA, *Princípios...*, p. 161.

<sup>13</sup> Cf. SEIXAS, JOSÉ MARIA DA CUNHA, *Princípios...*, p. 342.



manece o reconhecimento do mistério do Ser comum ao teísmo ortodoxo escolástico e ao teísmo heterodoxo dos pensadores livres.

Na orientação krausista de Coimbra situam-se também o positivismo de Teófilo Braga (1843-1924) que, na linha de Manuel de Arriaga (1840-1917), daria origem a uma outra via ambígua entre o dualismo deísta de um Deus inacessível, na cisão entre filosofia e religião, e o monismo da sua identificação panteísta com os elementos da natureza.

Mas a reflexão filosófica também está presente de forma relevante nos seus movimentos literários e, nesse sentido, recordamos que no período da Primeira Faculdade de Letras no Porto é fundada em Coimbra a revista *Presença* do chamado “Segundo Modernismo”, sob o magistério de José Régio (1901-1969) e João Gaspar Simões (1903-1987), através de uma estética poética da expressão e da inspiração que, em diálogo com autores como Henri Bergson e Paul Valéry, viria a contar com a colaboração de intelectuais como Augusto Casimiro (1869-1967), Adolfo Casais Monteiro (1908-1972), Branquinho da Fonseca (1905-1974), Alberto Serpa (1906-1992), Aquilino Ribeiro (1885-1963), Miguel Torga (1907-1995), Carlos Queiroz, Almada Negreiros (1893-1970) e Diogo de Macedo.

Este movimento literário-filosófico, que divulgaria as obras dos autores do “Primeiro Modernismo” de Fernando Pessoa, viria a contar também com a colaboração de José Marinho, Delfim Santos e António Botto. A vida cultural portuguesa na primeira metade do século XX é muito rica e encerra uma diversidade de relação entre movimentos culturais de expressão filosófica, literária e política que vai muito para além do esperado, tal como se pode verificar com o caso de Joaquim Maria da Silva (1830-1913) que, formado em Coimbra, viria a desenvolver uma reflexão original de filosofia política e uma obra importante enquanto Reitor do Liceu Nacional de Santarém e enquanto presidente da Câmara dessa cidade.

No campo da historiografia da filosofia Portuguesa e da hermenêutica, não podemos deixar de referir José Joaquim Lopes Praça e a sua *História de Filosofia em Portugal*, reeditada por Pinharanda com inúmeros complementos, Joaquim de Carvalho (1892-1958) e, mais recentemente, Amândio Coxito que na qualidade de docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra publicou diversos estudos sobre os séculos XVI a XVIII, nomeadamente sobre os conimbricenses, e sobre outros períodos da Filosofia em Portugal no âmbito da metafísica, da lógica, da semântica e da filosofia do conhecimento. Destaque para a publicação recente do texto latino com tradução de duas obras de Luís António Verney: *Metafísica* (Coimbra 2008) e *Lógica* (Coimbra 2010).

Nas gerações mais recentes, gostaríamos de distinguir ainda outros pensadores como José Sebastião da Silva Dias (1916-1994), mestre de José Esteves Pereira no campo da teoria das ideias, e Arnaldo de Miranda Barbosa (1916-1973), mestre de pensadores como Alexandre Fradique Morujão (1922-2009), Gustavo de Fraga (1922-2003) e Eduardo Abranches de Soveral no campo dos estudos fenomenológicos e neo-escolásticos. A Escola Coimbrã viria a diferenciar-se pelo seu diálogo com a filosofia transcendental de Kant (1724-1804) e com a fenomenologia e a ontologia alemã de autores como Husserl (1859-1938), Heidegger (1889-1976), Dilthey (1833-1911), Max Scheler (1874-1928), N. Hartmann (1842-1906), Karl Jaspers (1883-1969), mas no caso de Gustavo de Fraga essa abordagem adquire uma especificidade portuguesa porque encerra uma relação com a metafísica judaico-cristã.

Na introdução à sua obra *De Husserl a Heidegger*, Gustavo de Fraga adverte que Husserl não terá pretendido construir uma filosofia fenomenológica sem metafísica. Não se trata da metafísica tradicional do saber absoluto, mas de uma teoria que não pode recusar o problema do acesso às questões últimas e não pode deixar de manter a abertura do *ego* ao intemporal e eterno. Uma teoria fenomenológica do Absoluto que se funda na subjetividade e recorre a Deus, no reconhecimento de que intencionalidade e teleologia não têm a sua causa em si mesmas. A ordem teleológica do mundo não se explica por si mesma e a vontade absoluta universal, que vive nos sujeitos transcendentais, é identificada com a vontade divina. Há um irracional ou excesso que torna possível a racionalidade, que se experienciamos pela fé e que precede a constituição de Deus na subjetividade transcendental, mas essa consciência subtrai-se à nossa linguagem. O ser teleológico do homem leva-nos a aceitar a nossa experiência como integrada num processo infinito, cuja fonte não se deixa conceber, porque é Mistério.

A fenomenologia começa por se apresentar como uma radicalização da filosofia transcendental kantiana, no sentido em que através de uma *epoché* ou redução transcendental, o conhecimento dos fenómenos da natureza material e da natureza animada do mundo dá-se na consciência subjetiva e intencional de *dar-se conta de algo*, através dos seus atos de perceção, recordação, significação e juízo. Como sublinha, Alexandre Fradique Morujão, pensador também da Escola de Coimbra, esta noção da consciência como um absoluto em que se ergue o edifício fenomenológico revela um pensamento a-histórico e anti-histórico, em que se prescinde da realidade objetiva do próprio mundo e da sua concreção individual, reduzindo o *facto* ao *eidós*.<sup>14</sup> O pensador português irá salientar a importância da história, reconhecida posteriormente

---

<sup>14</sup> Cf. MORUJÃO, ALEXANDRE FRADIQUE, "O problema da História na fenomenologia de Husserl", in *Estudos Filosóficos*, vol. I, Lisboa: INCM, 2002, p. 382.

pelo próprio Husserl na sua obra *Krisis*, a partir de uma reflexão sobre o tempo puro intencional ou fenomenológico (*ek-stático*) que manifesta na nossa subjetividade o tempo objetivo, transitando-se de uma análise estática para uma análise dinâmica ou genética que investiga os atos no seu devir e nas relações desse devir ao concreto da corrente da consciencia.<sup>15</sup> A consciência de um ente mundano está ligada à consciência do mundo subjetivo-relativo da vida das evidências originárias (*Lebenswelt*),<sup>16</sup> prévio a qualquer evidência lógico-objetiva matemática ou científico-natural.<sup>17</sup> Trata-se do mundo da vida referido por Leonardo Coimbra na sua noção de inteligibilidade intuitiva e estética em *ato primeiro* e referido por José Enes na sua noção de experiência antepredicativa.

Ainda em Coimbra, uma palavra particular também para Miguel Baptista Pereira (1929-2007), que fez a sua tese com o título *O princípio da individuação na metafísica de Pedro da Fonseca* e desenvolveu a sua obra no campo da filosofia existencial e dialógica de inspiração cristã, que viria a influenciar autores como Joaquim Cardoso Duarte e Luís Umbelino, pensadores também atentos à filosofia portuguesa. No contexto atual, com dedicação ao pensamento português, podemos referir os nomes de Mário Santiago de Carvalho, Henrique Carlos Jales Ribeiro, Diogo Falcão Ferrer, Helena Carvalho e Joaquim Braga. Na área da relação entre filosofia e teologia, impõe-se a obra do padre Anselmo Borges.

#### **4. O movimento filosófico em Lisboa e as suas correntes de inspiração aristotélico-tomista com preocupações espiritualistas e teológicas**

Para além da *Escola Bracarense* e da sua *Revista Portuguesa de Filosofia*, em Lisboa a presença cristã neo-tomista no diálogo com a cultura portuguesa dá-se na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e na Universidade Católica Portuguesa, bem como através da revista *Brotéria*, pela ação marcante de pensadores como Agostinho Veloso (1894-1970), Mário Martins, Manuel Antunes (1918-1985), Luís Archer (1926-2011), José Enes, Roque Cabral, Luís Machado de Abreu ou José Eduardo Franco. Acompanhando a constituição da Universidade Católica Portuguesa, entre 1968 e 1973, como professor e seu

<sup>15</sup> Cf. MORUJÃO, ALEXANDRE FRADIQUE, "Reflexão sobre a história na fenomenologia de Husserl", in *Estudos Filosóficos*, vol. I, p.404

<sup>16</sup> Cf. HUSSERL, EDMUND, *A crise das ciências europeia e a fenomenologia transcendental – uma introdução à filosofia fenomenológica*, § 34, trad. Diogo Falcão Ferrer, Lisboa: Edição Phainomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, p. 142.

<sup>17</sup> Cf. MORUJÃO, ALEXANDRE FRADIQUE, "O problema...", p. 389.

primeiro vice-reitor, e prosseguindo depois durante muitos anos como Reitor da Universidade dos Açores, José Enes representa entre os Açores e Lisboa, a presença do mais recente diálogo entre o tomismo e a filosofia transcendental e fenomenológico-hermenêutica de inspiração heideggeriana.

Uma referência particular para o Centro de Estudos Escolásticos e para a sua revista *Filosofia* (1954-1962), sob o magistério de António Alberto Banna de Andrade (1915-1982), professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que se distinguiu como investigador da história da cultura portuguesas dos séculos XVI a XVIII, especialmente da história religiosa e da história da educação no período mais marcante da expansão portuguesa. Atualmente, um dos pensadores que mais se destaca em Lisboa nos estudos sobre a herança escolástica tomista, nomeadamente sobre a Escolástica Ibérica, é Gonçalo Moita que se tem dedicado à tradução e investigação das obras de Molina e Francisco Suárez.

Por outro lado, nos anos cinquenta dá-se para esta cidade a confluência de um núcleo significativo de colaboradores da *Cidade Nova – Revista de Cultura* (1949-1961), fundada por jovens universitários integralistas de Lisboa e de Coimbra, onde colaboraram Afonso Botelho, Eduardo Abranches de Soveral e Henrique Barrilaro Ruas (1921-2003) que tem como objetivo revitalizar o Integralismo Lusitano de António Sardinha que tinha como objetivo restaurar a grandeza perdida da fé e do império monárquico.

No âmbito da relação entre a filosofia transcendental neo-tomista e as correntes dialógicas e hermenêuticas de autores como Paul Ricoeur, devemos destacar o longo percurso académico do salesiano Joaquim de Sousa Teixeira, que na Faculdade de Ciências Humanas da UCP em Lisboa garantiu durante muitos anos a leção da Antropologia Filosófica e da Teologia Filosófica, bem como a sua assistente Inês Bolinhas que está a dar continuidade a esse trabalho. Realce ainda para Artur Pires Morão e Mendo Castro Henriques, que durante muitos anos promoveram o estudo da relação entre ciência, filosofia, política e economia, através de um intenso trabalho de tradução e investigação das obras de autores como Eric Voegelin, Bernard Lonergan e os pensadores dialógicos sob o magistério de Martin Buber e Franz Rosenzweig. Enquanto diretor do GEPOLIS – Gabinete de Estudos de Filosofia e Cidadania, Mendo Castro Henriques promoveu o estudo do pensamento português através de projetos como a edição da *Bibliografia Filosófica Portuguesa* e o *Dicionário Crítico de Filosofia Portuguesa*, sob a coordenação de Maria de Lourdes Sirgado Ganho. Finalmente, uma palavra para o dehoniano José Jacinto Farias, que na Faculdade de Teologia desenvolveu um profundo diálogo entre a fenomenologia existencialista de Heidegger e o neo-tomismo de Karl Rhaner sobre a simbólica do real e o Mistério de Deus.

No mesmo sentido de uma impossibilidade da compreensão direta e imediata do Ser pleno, considera Joaquim Teixeira que a procura e o encontro com Deus dão-se de forma analógica e só são possíveis porque ele já se encontra em nós de forma implícita e atemática como medida incondicional.<sup>18</sup> Deus só pode ser alcançado de forma explícita como conclusão da análise dessa experiência vital pré-categorial que, enquanto implícito, se apresenta como conteúdo inicial da reflexão teológica ou condição da interrogação crítica, na certeza de que não se pode perguntar por aquilo que em absoluto se ignora. É na consideração do Mistério de Deus que se pode legitimar o alcance epistemológico da teologia filosófica, porque não podemos experienciar diretamente a essência de Deus, mas apenas temos experiências humanas que objetivamente apontam para um ser superior e é delas que partimos para a sua explicitação. Os conceitos transcendentais de Deus não se confundem com Ele, mas apenas apontam para Ele. O incondicionado como conteúdo da consciência, através dos transcendentais, ser, verdade, valor, liberdade, autoconsciência, leva-nos a concluir que, na realidade do Seu Mistério, Deus só pode ser pensado e dito como infinito transconceptual.

A noção de educação apresentada na obra do Padre Manuel Antunes não visa apenas a instrução técnico-científica, mas sim a formação humana nas suas dimensões ética, estética, filosófica e religiosa. O teólogo e filósofo jesuíta recusa, por um lado, uma perspetiva puramente pragmática e utilitarista da ação humana, centrada no progresso da técnica, e recusa, por outro lado, uma perspetiva puramente fixista da vida humana, centrada nos hábitos e nos dogmas filosóficos, ideológicos e religiosos. Dessa maneira, considera que o objetivo da educação humana não é o *homo mechanicus* nem o *homo romanticus*, mas sim o *homo misericors* que se rege pelos valores universais de um humanismo moral e metafísico que identifique o *ser* do homem (antropologia) e proporcione o seu *fazer ser* (pedagogia). O homem misericordioso faz uma experiência sofredora da vida, no reconhecimento da ignorância, da finitude e da morte, pelo que encontra na *renúncia* e na *compaixão* as formas mais valiosas de educação e humanização. Como nos diz Manuel Ferreira Patrício, em diálogo com seu mestre Manuel Antunes, o saber que educa o homem e que o faz ser aquilo que é e *deve ser* não é apenas *lógico-ontológico* (ser), nem apenas *axiológico* ou *normativo* (dever ser), mas é também *realizativo* (fazer e transformar), no sentido de um saber de ação que parte do que é e procura dar existência àquilo que *deve ser*.<sup>19</sup> É através deste diálogo

<sup>18</sup> Cf. TEIXEIRA, JOAQUIM DE SOUSA, "Teologia Filosófica e experiência transcendental", in REIMÃO, CASSIANO, PIMENTEL, MANUEL CÂNDIDO (Coordenação), *Os Longos Caminhos do Ser, Estudos dedicados ao Prof. Doutor Manuel Barbosa da Costa Freitas*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003, p. 686.

<sup>19</sup> PATRÍCIO, MANUEL FERREIRA, "A filosofia da educação em Portugal no século XX", in *História do Pensamento Filosófico Português – Tomo 2 – Vol. V – O Século XX*. (Direção) Pedro Calafate,

que surge um dos conceitos mais significativos da Filosofia Portuguesa: a noção de *antropagogia* que caracteriza esta arte teórica e prática de educar o homem na unidade de pensar aquilo que se faz e de fazer aquilo que se pensa: “[...] a antropagogia é a teoria e prática da educação do homem no horizonte de plenitude de sua humanidade”.<sup>20</sup>

De marcada influência na reflexão pedagógica de autores como Manuel Ferreira Patrício, o Padre Manuel Antunes não reduz a experiência religiosa cristã a um moralismo, a uma ideologia e a uma gnose, o pensador enquadra-a no seu fundamento metafísico de resposta à inquietação universal pelo sentido da vida. Mas no sentido metafísico, também não é um panteísmo imanentista que identifique Deus com a Vida, nem é um vago deísmo transcendentalista: “O cristianismo é uma ideia central a pensar, uma vida infinita a viver, um mistério, eterno e temporal, a aceitar e, sobretudo, uma Pessoa histórica e mística, a imitar e a actualizar”.<sup>21</sup> A sua obra propõe uma nova metafísica, menos abstrata e mais rica com os contributos das ciências humanas e naturais e com a defesa da existência real, e não apenas mental, do Ser, como condição da verdade, do juízo, do valor e da história.<sup>22</sup>

## **5. O movimento filosófico nos Açores e a sua corrente de inspiração hermenêutica e fenomenológica com preocupações epistemológicas, literárias e políticas**

A preocupação com a filosofia portuguesa na Universidade dos Açores, que teve em Antero de Quental o seu principal patrono, desenvolve-se sob o magistério do padre Sena Freitas e de José Enes e tem como principais discípulos José Luís Brandão da Luz, Magda Carvalho, Maria do Céu Fraga, Maria do Céu Patrão Neves, Carlos Pacheco Amaral, Rosa Goulart, Berta Miúdo Pimentel, Gabriela Castro, Rui Sampaio, Miguel Rocha, Maria do Céu Fraga e Maria do Céu Brito. Usamos a significação de discipulado, porque ela nos foi referida de forma explícita em conversa com alguns amigos do Açores que reconhecem a sua valorização dos filósofos portugueses sob o magistério de José Enes. Também podemos incluir neste espírito a ação de Manuel Cândido Pimentel, pela sua preocupação no estudo e divulgação dos pensadores da sua terra, embora

---

Lisboa: Caminho, 2000, pp. 75-76.

<sup>20</sup> PATRÍCIO, MANUEL FERREIRA, “A filosofia...”, p. 76.

<sup>21</sup> ANTUNES, MANUEL, “Fé e Teologia”, in *Obra Completa*, tomo IV, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, p. 81.

<sup>22</sup> Cf. ANTUNES, MANUEL, “O pensamento e o Reino”, in *Obra Completa*, tomo IV, pp. 92.93.

saibamos, na sequência dos estudos que realizou na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que se sente filiado à Escola Portuense.

Não se pode ocultar que José Enes foi um crítico assumido do Movimento da Filosofia Portuguesa e não tem qualquer filiação a nenhuma das suas vias, tecendo um percurso independente em diálogo com a fenomenologia existencial de Heidegger e com o neo-tomismo inspirado na Escola de Lovaina. No entanto, José Enes é um dos filósofos mais importantes da cultura portuguesa contemporânea, porque desenvolve um pensamento original no diálogo entre a metafísica de tradição tomista e a hermenêutica fenomenológica alemã e francesa. Pensando em português, num fecundo diálogo com São Tomás de Aquino, Heidegger, Karl Rahner e Paul Ricoeur, o filósofo açoriano realiza uma reflexão sobre o problema do conhecimento intuitivo no quadro de uma ontologia transcendental em que o modo primeiro de acesso ao ser não se faz pela via demonstrativa, mas compreende-se pela via manifestativa, através do método fenomenológico-hermenêutico. A sua tarefa consiste em elaborar uma noética que revele o modo primeiro de contacto do homem com o ser, isto é, a apercepção original da percepção do ser.

Sob a coordenação do recentemente criado CEH - Centro de Estudos Humanísticos da Universidade dos Açores e do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, em parceria com o Centro de Estudos de Filosofia da FCH da Universidade Católica Portuguesa, têm-se realizado os Colóquios do Atlântico para estudar e promover os pensadores açorianos mais relevantes. O primeiro encontro científico dedicou-se à obra de José Enes, no ano seguinte à obra de Gustavo de Fraga, depois Joaquim Maria da Silva, Manuel Ferreira Deusdado (1858-1918) e, finalmente, aos irmãos Arriaga, com destaque para Manuel José de Arriaga (1840-1917), primeiro presidente da República Portuguesa.

## **6. O movimento filosófico em Lisboa e a sua corrente de inspiração franciscana, com preocupações ontológicas e teológicas**

O outro lugar de relevo para a filosofia portuguesa contemporânea de inspiração escolástica pertence ao pensamento desenvolvido no âmbito da Província Portuguesa da Ordem Franciscana próximo da tradição de Duns Escoto e de São Boaventura, e cujo órgão oficial tem, desde 1966, o nome de *Itinerarium – Revista Trimestral de Cultura*, em que se destacam as colaborações de António Domingues de Sousa Costa (1926-2002), David de Azevedo (1922-2013), António da Silva Soares (1927-2002), Manuel Barbosa da Costa Freitas (1928-2010), Henrique Pinto Rema, João Ferreira, Joaquim Cerqueira Gonçal-

ves, António de Sousa Araújo, João Duarte Lourenço, Isidro Pereira Lamelas, José Maria da Silva Rosa, Américo Pereira, Gonçalo Figueiredo e Maria de Lourdes Sirgado Ganho.

De um modo geral e simplista, podemos dizer que se a escolástica tomista é intelectualista e dá preferência ao conhecimento da verdade, a escolástica franciscana é voluntarista e dá preferência à sabedoria do amor e da beleza, sobrepondo o discurso místico-poético ao discurso predicativo lógico. Compreende-se, assim, a afinidade do criacionismo de Leonardo Coimbra ao espírito franciscano. Neste âmbito, uma palavra para a ação de João Ferreira a quem devemos a primeira abertura institucional da Igreja, no Seminário de Leiria, ao movimento da filosofia portuguesa que era olhado com desconfiança pela maioria do clero e dos intelectuais católicos. Como bem diz o padre Joaquim Cerqueira Gonçalves, o movimento da Filosofia Portuguesa é um espaço de questionamento e hermenêutica sobre os problemas fundamentais do homem na sua relação com o Mundo e com Deus.

Se, em termos filosóficos, podemos dizer que o desenvolvimento e consolidação do movimento espiritual criacionista e saudosista portuense, de inspiração platónica e neoplatónica, se fundamentou na criação da primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob o magistério de Leonardo Coimbra, e teve depois seguimento em Lisboa através dos seus discípulos diretos do movimento da Filosofia Portuguesa com a introdução da tradição aristotélico-tomista; o desenvolvimento e consolidação do movimento espiritual de Lisboa, de inspiração franciscana e escotista, teve início em 1957 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com a autonomia do curso de Filosofia em relação às disciplinas de História e com a entrada para o corpo docente de pensadores cristãos. Joaquim Cerqueira Gonçalves, que iniciou o curso de Filosofia, precisamente neste ano, refere a importância neste processo da ação de Francisco da Gama Caiiro, que pertenceu a uma Comissão Ministerial de Reforma do Ensino Superior, e da ação do Padre Manuel Antunes que também contribuiu para a valorização das perspetivas espiritualistas naquela instituição.<sup>23</sup>

A atenção filosófica à metafísica, que se distanciava do positivismo que dominara os cursos de ciências histórico-filosóficas das Faculdades de Letras de Coimbra e de Lisboa, na primeira metade do séc. XX, com professores como Sílvio Lima (1904-1993), Vieira de Almeida (1888-1962) e Edmundo Curvelo (1913-1954), teria continuidade em pensadores ligados à investigação da Universidade de Lisboa, como Manuel Ferreira Patrício, António Braz Teixeira

---

<sup>23</sup> Cf. GONÇALVES, JOAQUIM CERQUEIRA, "Autonomia do curso universitário de filosofia (1957). A ação do prof. Francisco José da Gama Caiiro na Faculdade de Letras de Lisboa", in *Francisco da Gama Caiiro - a presença 20 anos depois* (coord. de Maria Leonor Xavier), Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2014, p. 14.



ra, Leonel Ribeiro dos Santos, Carmo Ferreira, Pedro Calafate, Paulo Borges, Maria Leonor Xavier e Renato Epifânio. A concretização da obra *História do Pensamento Filosófico Português* na Faculdade de Letras ficou a dever-se também à eficácia do magistério de Gama Caiiro, que teve a ação essencial de reintroduzir a “Filosofia Portuguesa” na Academia, retirando-a de uma nova clandestinidade que alguns membros do chamado *Movimento da Filosofia Portuguesa* tendiam em defender, através de um discurso anti-universitário.<sup>24</sup>

No entanto, também não podemos esquecer que, por um lado, a Universidade foi hostil e desconsiderou este movimento filosófico desde o ano de 1913, e que, por outro lado, a crítica à Universidade era uma crítica feita, essencialmente, ao seu espírito positivista. Em resumo, a Universidade criticava o movimento da Filosofia Portuguesa pela sua falta de rigor metodológico e de aprofundamento racional, deixando-se seduzir muitas vezes por pseudo-filosofias de cariz esotérico, e o Movimento criticava a Universidade por reduzir a Filosofia a ideologias positivistas e materialistas que pretendiam erradicar a metafísica e o espiritualismo. Não é por acaso, que o acolhimento a este movimento é feito na Universidade pela mediação de professores de filosofia cristãos e católicos.

Sabemos também que essa reintrodução acabaria por ser formalizada sob a designação genérica de “Filosofia em Portugal”, posição defendida pelos mesmos que utilizavam as expressões “Filosofia Grega”, “Filosofia Alemã” e “Filosofia Francesa”, reconhecendo nestas uma especificidade ou uma concretez interdita ao caso português, que só na pintura ou na música teria direito a essa caracterização. Por outro lado, também consideramos que a “Filosofia Portuguesa” não se reduz à filosofia praticada no denominado “Movimento da Filosofia Portuguesa”, tendo este o mérito de estudar, divulgar e promover a filosofia pensada em português também para além das escolas tradicionais escolásticas, positivistas, racionalistas, existencialistas ou fenomenológicas. Apesar de todas as polémicas e tensões, este assunto está agora ultrapassado, como o comprovam as diversas colaborações entre o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira e as diversas Universidades públicas e privadas em Portugal.

Os professores fundadores deste novo espírito no curso de filosofia na Universidade de Lisboa viriam a colaborar na edificação da licenciatura em filosofia na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, fundada em 1972, sob a reitoria de José Bacelar e Oliveira. A sua presença, em estreita colaboração com a Província Franciscana, onde avultava o nome de Manuel Barbosa da Costa Freitas, iria contribuir para a definição do perfil do corpo docente desta Faculdade. Alguns dos seus professores foram

---

<sup>24</sup> Cf. GONÇALVES, JOAQUIM CERQUEIRA, “Autonomia...”, p. 18.

recomendados por Joaquim Cerqueira Gonçalves, nomeadamente Manuel Cândido Pimentel, que tendo feito a sua formação na segunda Faculdade de Letras da Universidade do Porto, se enquadrou naturalmente neste espírito franciscano de valorização do humanismo cristão e da cultura portuguesa.

Pela influência do criacionismo leonardino, de inspiração franciscana, nos mestres Manuel Barbosa da Costa Freitas e Joaquim Cerqueira Gonçalves, podemos dizer que há uma continuidade entre a corrente espiritualista platónica e neoplatónica do Porto e a corrente agostiniana e escotista de Lisboa. No entanto, apesar destas prevalências, estes movimentos desenvolvem uma grande diversidade de metafísicas e espiritualidades, nomeadamente no âmbito da tradição aristotélico tomista, da tradição gnóstica esotérica e da tradição panteísta.

Há uma grande linha de pensamento espiritual metafísico, que tem a sua génese no diálogo com o criacionismo leonardino, mas que ganha progressiva autonomia e diferenciação sob o magistério de Manuel Babosa da Costa Freitas, na FCH da UCP, com destaque para a coordenação da edição da *LOGOS - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* e para a constituição e direção do CLCPB - Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, e sob o magistério de Joaquim Cerqueira Gonçalves, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com destaque para a constituição do Curso de Filosofia, a direção do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, a direção da revista *Philosophica* e a função de membro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida.

Sob o magistério destes filósofos começou a desenvolver-se um movimento espiritual, radicado no espaço cultural de Lisboa, com realce para o pensamento e ação de autores como Carlos Silva, Maria de Lourdes Sirgado Ganho, Joaquim Cardozo Duarte, Mendo Castro Henriques, Manuel Cândido Pimentel, José Rosa, Américo Pereira e, mais recentemente, Gonçalo Figueiredo, Samuel Dimas, Luís Lóia, José Carlos Pereira e Teresa Dugos-Pimentel. Partilhando atividades e responsabilidades com o IFLB, o CFUL e o IFUP, no reconhecimento do valor da diversidade e da pluralidade da cultura filosófica portuguesa, esta linha de pensamento diferencia-se, não apenas pela sua afinidade com a espiritualidade teísta franciscana, mas também pela sua recusa de todas as tendências gnósticas dualistas, monistas e maniqueístas. Em comum a prevalência da relação e da comunhão sobre a cisão e a indiferenciação.

Para além da Enciclopédia *LOGOS* e da *História do Pensamento Filosófico Português*, este movimento de Lisboa deu origem a outros projetos significativos, como por exemplo, o *Dicionário Crítico de Filosofia Portuguesa*, coordenado por Maria de Lourdes Sirgado Ganho no âmbito da investigação do

*CEFi - Centro de Estudos de Filosofia* da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Assim, sob o magistério de Manuel Barbosa da Costa Freitas, Joaquim Cerqueira Gonçalves e António Braz Teixeira, a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica e o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira desenvolvem em Lisboa na segunda metade do século XX e nas duas primeiras décadas do século XXI um movimento plural de investigação e de divulgação do pensamento lusófono.

A identidade do movimento espiritual inspirado na Escola Portuense não reside nas formas monolíticas de uma instituição ou de uma determinada corrente filosófica ou religiosa, mas sim na valorização e divulgação da filosofia feita em língua portuguesa e no desenvolvimento da especificidade desse pensamento, que ansiando a universalidade, é situado num determinado contexto histórico-cultural. A título ilustrativo, podemos citar o pantiteísmo de Cunha Seixas, o retornismo de Amorim Viana, o saudosismo de Teixeira de Pascoaes, o criacionismo de Leonardo Coimbra, o insubstancial substante de José Marinho, a razão animada de Álvaro Ribeiro, a razão cordial de Afonso Botelho, a razão comovida de Manuel Cândido Pimentel, ou as múltiplas formas da metafísica da Saudade.

Fundamentada num pensamento humanista e espiritualista de exigência metafísica, este movimento heterogéneo que nasce sob o magistério dos mestres franciscanos de Lisboa encerra a especificidade de incluir uma linha de reflexão que procura afastar-se em definitivo da influência gnóstica que marcou a tradição anterior. Como se pode verificar pela investigação realizada no projeto da “Redenção”, no contexto da tradição judaico-cristã, os temas da Queda e da Redenção ou Restauração dominam toda a história dos discursos mítico, racional e místico do Pensamento Português e da sua Metafísica da Saudade, tendo na escatologia do retorno ou regresso à Origem, uma das suas expressões mais significativas. Ora, Joaquim Cerqueira Gonçalves propõe um novo caminho fundamentado nas noções de Criação, Manifestação e Comunhão.

Assim, em diálogo com o saber científico contemporâneo, com a valorização do dinamismo aberto e progressivo da História e com o reconhecimento da importância dos métodos das filosofias transcendentais, hermenêuticas e fenomenológicas, o movimento filosófico universitário de Lisboa tem vindo a desenvolver-se com a prevalência de três vias distintas: a) sob o magistério de António Braz Teixeira e Manuel Cândido Pimentel, no contexto da presença em Lisboa do espírito metafísico e criacionista da saudade da Escola Portuense no sentido de regresso à origem da relação divina depois da queda primordial; b) sob o magistério de Costa Freitas e Cerqueira Gonçalves, no contexto da tradição ocidental teísta da relação e da comunhão em progressiva manifestação de amor e plenitude universal; c) sob o magistério de

Paulo Borges, no contexto da tradição oriental panteísta da indiferenciação, em desejo saudoso de regresso à condição primordial do Nada que é Tudo. Atualmente, na Universidade Católica Portuguesa (Braga, Porto e Lisboa), na Faculdade de Letras das Universidades do Porto e de Lisboa e nos seus círculos de influência, convivem três grandes concepções metafísicas: a) cisão, degradação e restauração universal; b) criação, queda e redenção universal ou parcial; c) criação, manifestação e comunhão universal. Mas na generalidade do país, sob forte influência da fenomenologia husserliana e do racionalismo kantiano, a prevalência continua a ser de deísmo, agnosticismo e fideísmo.

Sob o magistério de Manuel Barbosa da Costa Freitas e pela mediação do seu discípulo José Rosa, este espírito estende-se à Universidade da Covilhã, que, sob a reitoria de António Fidalgo, também ex-docente da FCH da UCP, viria promover a atribuição do doutoramento *honoris causa* a Jesué Pinharanda Gomes, estabelecendo no interior do país uma ponte marcante com o movimento cultural de Lisboa e encerrando definitivamente a divergência formal e assumida entre universitários e não universitários. Na sequência do encontro científico *Celebrar o Saber Amigo - Colóquio de Homenagem a Jesué Pinharanda Gomes*, realizado pela Faculdade de Letras da UBI, constitui-se uma equipa de trabalho para concretizar a edição das obras completas do filósofo da Beira, em parceria com a Câmara Municipal do Sabugal e com o CLEPUL que, sob a direção de José Eduardo Franco, também tem realizado um trabalho importante de investigação sobre a cultura lusófona, nomeadamente no âmbito da espiritualidade e da religiosidade cristã.

No trabalho realizado no CLEPUL – *Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias*, sediado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, para além de José Eduardo Franco, ex-investigador do CLCPB da FCH da UCP coordenado por Manuel Barbosa da Costa Fritas, destacamos a ação de autores como Luís Machado de Abreu, Annabela Rita e Eugénia de Magalhães. No núcleo de investigadores da UBI, integrados nas Licenciatura e Mestrado em Ciências da Cultura, destacamos, para além de José Rosa, os nomes de Idalina Sidoncha, Urbano Sidoncha, João Caetano e Adérito Tavares. O trabalho realizado na Covilhã tem-se centrado no âmbito dos estudos de Arte e Cultura, nomeadamente através dos cursos e iniciativas promovidos pelo departamento de Comunicação e Artes. Um destaque também para a *LU-SOSOFIA – Biblioteca on line de Filosofia e Cultura*, projeto idealizado por José Rosa e realizado em conjunto por estas duas entidades, estando sediado na página do CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas lusófonas e Europeias.

Embora todas estas correntes se situem no diálogo com a hermenêutica, a fenomenologia e a ciência, reconhecendo a importância da história, da experiência e da singularidade para a compreensão analógica da relação simultaneamente transcendente e imanente entre Deus e o Mundo, quer na escolástica

neo-tomista, quer na escolástica neo-agostiniana escotista, há autores que privilegiam a perspectiva gnóstica da queda e redenção para a salvação e condenação eternas, apelando para a ascese mística de fuga ao mundo, e autores que privilegiam a perspectiva da criação e da manifestação com o desenvolvimento ascensional do mundo para a sua plenitude de universal transfiguração espiritual. Ora, nós sentimo-nos no discipulado criacionista do Padre Cerqueira em demanda do Infinito, concebido, não como vazio de abstrata e impessoal indeterminação, mas como Plenitude de fraternal e universal Comunhão. Contudo, o nosso diálogo não se restringe a nenhuma corrente específica da tradição filosófica judaico-cristã, mas privilegia aquelas que concebem o carácter ontológico da relação como instância a plenificar e não a eliminar, sejam augustinianas ou tomistas. Em todos os quadrantes da metafísica teísta contemporânea, de carácter fenomenológico, hermenêutico, dialógico e historicista, há grandes filósofos que dão preferência à metafísica da criação e da manifestação no sentido de uma plenitude universal do amor divino.

## **7. O movimento filosófico em Lisboa e a sua corrente gnóstica nas formas esotéricas de teosofia e sincretismo religioso**

No início do século XX desenvolve-se em Lisboa um movimento de pensamento esotérico na linhagem oculta e maçónica de Frederico Francisco Stuart de Figanière e Morão (1827-1908), com destaque para os pensadores Ângelo Jorge (1883-1922), João Antunes (1885-1956), Fernando Pessoa (1888-1935), Raul Leal (1886-1964), Augusto Ferreira Gomes (1892-1953), António Lobo Vilela (1902-1966), Agostinho da Silva (1906-1994), Délio Nobre dos Santos (1912-1977), Limas de Freitas (1927-1998), António Telmo (1927-2010), José Manuel Anes, Alexandre Teixeira Mendes, Manuel J. Gandra, Rui Lomelino Freitas e, mais recentemente, Luisa Borges e Joaquim Pinto. Este espiritualismo gnóstico esotérico tem uma multiplicidade de variantes e no seu âmbito não podemos deixar de referir a ação de António Telmo e dos seus grupos de Estremoz e de Sesimbra, com destaque particular para Pedro Martins e para as ligações à Ordem Rosacruz. Ora, não há dúvida que a obra de António Telmo é aquela que melhor expressa a via esotérica da Filosofia Portuguesa na sua vertente de racionalismo gnóstico com um certo ocultismo e simbolismo de origem mítica e teogónica, tal como o comprova o diálogo com Fulcanelli, René Guénon, Julius Evola, Gerschom Scholem, Raymond Abellio, Lima de Freitas e Oskar Wirth.

Mas, em rigor, esta espiritualidade gnóstica já está presente em autores como Sampaio Bruno, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão e Agostinho da Silva, vindo a influenciar autores como José Marinho, Eudoro de Sousa ou Paulo Borges. Esta incidência de um pensamento livre

à margem das grandes escolas medievais e modernas da academia terá levado Pinharanda Gomes a definir a filosofia portuguesa como “[...] uma gnose esotérica, de transmissão convivencial e extra-institucional”.<sup>25</sup> No entanto, mesmo que não seja entendida como sinónimo de ocultismo, hermetismo e maçonaria, consideramos que a “gnose esotérica” é apenas uma dimensão da Filosofia Portuguesa contemporânea na sua pluralidade de manifestações, pelo que, por si só, não caracteriza a tradição geral da Escola Portuense de Teixeira de Pascoas, Leonardo Coimbra, Álvaro Ribeiro, José Marinho e António Braz Teixeira, mas sim a tradição teosófica gnóstica que oscila entre a desvalorização dualista da condição existencial da corporeidade instaurada pelos poderes demoníacos e a imanentização monista de carácter panteísta, sincretista e messiânico, e que se exprime de forma mais radical nas seguintes tendências: a) a espiritualidade gnóstica panteísta e pantiteísta dos magistérios de Sampaio Bruno, Teixeira de Pascoas, José Marinho e Orlando Vitorino; b) a espiritualidade esotérica e teosófica dos magistérios de Martines de Pasqually e Visconde Frederico Figanière, presente nos messianismos de Fernando Pessoa, Raul Leal, Agostinho da Silva e António Telmo; c) a espiritualidade islâmica sufista de Adalberto Alves e Fabrizio Boscaglia que remete para a tradição do Al-andalus Ibn Arabi; d) a espiritualidade oriental panteísta da absoluta indeterminação do Nada que é tudo, que remete para as tradições asiáticas do taoísmo e do budismo sob o magistério de Paulo Borges.

A gnose, que afirma a possibilidade de um conhecimento pístico e eidético da realidade sobrenatural, no sentido de uma sabedoria de fé racionalizada, inclui sempre uma dimensão secreta de iniciação e de iluminação dos escolhidos. Partilhando a visão cristã de que a sabedoria é mais uma práxis de vida humana do que uma teoria do conhecimento, a gnose, que segue a via do esoterismo ou da separação em relação à ortodoxia das Igrejas, tende, ora para formas populares de superstição, ora para formas deístas e panteístas que não reconhecem a conceção pessoal de Deus. A gnose de António Telmo remete para a gnose da cabala, num certo contexto maçónico, e acaba por se traduzir numa espiritualidade sincretista que hesita entre um monismo de imanentização dos princípios escatológicos e um dualismo de sobrevalorização da sua realidade transcendente.

No entanto, o poeta de Sesimbra considera ser o mais fiel discípulo da filosofia portuguesa de Álvaro Ribeiro, entendida como um “ideal gnóstico” de “feição esotérica” e de “feição exotérica”. A sua obra *Arte Poética*, dedicada a Álvaro Ribeiro, e o seu conceito de filosofia operativa comprovam esta filiação. É neste contexto que se enquadra o grupo de Sesimbra através da

---

<sup>25</sup> GOMES, JESUÉ PINHARANDA, “Aspectos da filosofia católica em Portugal na 2.ª metade do século XX”, in *Lusitana Sacra*, 2ª série, núm. 12, 2000, p. 342.

colaboração de autores como, António Carlos Carvalho, Cynthia Guimarães, Luís Paixão, António Reis Marques, Luís Furtado, Rui Lopo, Abel de Lacerda Botelho, Carlos Aurélio, Pedro Sinde, Rodrigo Sobral Cunha e Elísio Gala que promoveram os *Cadernos de Filosofia Extravagante* (2009-2015). A obra organizada pelo Pedro Sinde, e editada em 2003 com o título *António Telmo e as Gerações Novas*, também comprova a filiação deste grupo a Telmo com a colaboração de autores como António Cândido Franco, Elísio Gala, Carlos Aurélio, Avelino de Sousa, Luís Paixão ou António Reis.<sup>26</sup> Estamos convencidos, no entanto, que alguns destes colaboradores não ficaram reféns deste círculo de esoterismos e ocultismos e que devem ser reconhecidos, antes de mais, como membros do movimento da Filosofia Portuguesa.

Mas as raízes deste movimento estão nas tertúlias do Café Águias d'Ouro em Estremoz, com a presença regular de António Telmo, Salvado Martinho, Manuel Ferreira Patrício, Orlando Vitorino e os discípulos Inácio Ballesteros, Mário Rui, João Tavares e Carlos Aurélio, bem como visitantes ocasionais e admiradores de Telmo, como por exemplo, João Rego e Luís Paixão. Neste contexto organizava-se de modo mais formal o "Programa Filosófico do Vale da Infante", no coração da serra d'Ossa entre Estremoz e Redondo, junto ao convento de São Paulo. Tratava-se de um curso breve de Filosofia Portuguesa, sob a liderança de António Telmo, que incluía o Grupo anfitrião de Estremoz, com Inácio Ballesteros, Mário Rui, Manuel Ferreira Patrício e o próprio António Telmo; o Grupo de Vila Viçosa, com a presença de João Tavares e Carlos Aurélio; e o Grupo de Lisboa, com António Quadros, Afonso Botelho, Maria Alba, Francisco Sottomayor, Orlando Vitorino, Pinharanda Gomes, António Braz Teixeira e Paulo Borges. De Sesimbra, já estava presente Luís Paixão que com Telmo daria continuidade aos encontros nesta Vila, antes da recente cisão no grupo depois da morte deste último e da apropriação do seu espólio por parte de Pedro Martins. Reconhece-se uma distinção nítida entre o pensamento de Braz Teixeira e de Manuel Ferreira Patrício e o pensamento dos restantes membros, a que não será alheia a forte vinculação ao teísmo cristão de Leonardo Coimbra e o seu profundo envolvimento no espírito universitário.

Alguns destes autores do grupo esotérico de Sesimbra, anteriormente dispersos por várias revistas, passariam a colaborar na *Nova Águia* e nas atividades organizadas pelo Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, representando na atualidade a perspetiva gnóstica do Movimento da Filosofia Portuguesa, num percurso de afastamento crítico em relação à Academia que se centra na defesa do sincretismo religioso proposto por autores como Fernando Pessoa, Agostinho da Silva e António Telmo. Embora situando-se no âmbito de um pensamento monista, também estes autores espiritualistas, em consonância

<sup>26</sup> AA.VV., *António Telmo e as Gerações Novas*, Lisboa: Hugin, 2003.

com Frederico Francisco Stuart de Figanière, parecem acolher evolucionismo finalista, fundado no dinamismo de fluxo e refluxo (êxitus et ređitus) da emanação da gnose oriental e plotiniana de pendor panenteísta, tal como se pode verificar na obra *Estudos Esotéricos - Submundo, Mundo, Supramundo*<sup>27</sup> que se sucedeu à obra *A Doutrina Secreta*, publicada um ano antes por Helena Blavatsky.<sup>28</sup>

Devemos acrescentar ainda nesta área os projetos culturais associados à Casa do Fauno em Sintra, dirigido por Alexandre Gabriel, proprietário da Editora Zéfiro, nome dado pelos gregos à suave brisa do Ocidente que, segundo a lenda, fecundava as férteis éguas do “Monte Santo” da Serra de Sintra na Lusitânia. Estas geravam cavalos muito admirados pelos Antigos, tão velozes como o próprio Zéfiro que ficariam conhecidos como os “filhos do vento”. A editora Zéfiro, que publica a revista *Nova Águia*, tem como logotipo uma folha de carvalho, a árvore sagrada para os antigos povos celtas e lusitanos, que simboliza a sabedoria veiculada nas obras editadas sobre Esoterismo, Religião, História e Filosofia. Dentro do Esoterismo, esta Editora considera a Maçonaria, o Hermetismo, a Gnose, a Kabbalah, a Ordem Rosa-Cruz e a Sociedade Teosófica.

Tal como identifica Pinharanda Gomes, por distinção com a teologia que se define como “ciência das coisas divinas”, a teosofia é definida por autores como Visconde de Figanière de “religião científica”<sup>29</sup> e refere-se ao conjunto de doutrinas filosóficas e místicas, de cariz ocultista e especulativo, que procuram o conhecimento direto dos mistérios da vida natural e da vida divina. Para este autor esotérico, a “religião científica” implica uma filosofia, não aceitando a oposição entre física e metafísica, ciência e religião, mas sugerindo uma unidade complementar operada pela filosofia da “intelligencia liberal” contra a intolerância e do dogmatismo da religião ortodoxa.<sup>30</sup>

Ora, é esta também a posição de João Antunes que em 1921 funda a Sociedade Teosófica de Portugal (S.T.P.), em parceria com o arquiteto republicano e maçom António Rodrigues da Silva Júnior (1868-1937), que já pertencia à Sociedade Teosófica de França. João Antunes dirigiu a Biblioteca Teosófica e Esotérica da Livraria Clássica Editora, onde Fernando Pessoa participou traduzindo algumas das obras. Recordamos que, tal como acontece hoje no Movimento vasto da Filosofia Portuguesa e no seu órgão *Nova Águia*, também na altura alguns destes

<sup>27</sup> FIGANIÈRE, VISCONDE DE, *Estudos Esotéricos – Submundo, Mundo, Supramundo*, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, Casa Editora Lugan & Genelioux, Porto, 1889.

<sup>28</sup> Cf. GOMES, JESUÉ PINHARANDA, “Teosofia”, in *Dicionário de Filosofia Portuguesa*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1990, p. 232.

<sup>29</sup> Cf. GOMES, JESUÉ PINHARANDA, “Teosofia”, pp. 231-232.

<sup>30</sup> FIGANIÈRE, VISCONDE DE, *Estudos Esotéricos...*, pp. 1-5.



pensadores colaboram movimento vasto da Renascença Portuguesa, tendo o poeta da *Mensagem* editado os seus primeiros textos na revista *A Águia*.

## 8. O movimento filosófico em Lisboa e a sua corrente de inspiração monista gnóstica e oriental asiática

Numa certa afinidade com a espiritualidade esotérica de influência oriental que se apresenta comum a todas as religiões e em diálogo com autores da cisão como José Marinho, Orlando Vitorino e Eudoro de Sousa, desenvolve-se em Lisboa uma corrente de pensamento de contornos orientalizantes monistas taoistas e budistas, que propõe como Plenitude a extinção nirvânica no “Vazio Pleno”. Na linha do taoísmo de Manuel da Silva Mendes, sob o magistério de pensadores como Paulo Borges, Paula Morais e Jorge Croce Rivera e através de discípulos como Nuno Ribeiro, Bruno Béu de Carvalho, Dirk-Michael Hennrich e José Manuel Anacleto, este movimento inserido no Núcleo de Pensamento Português e Cultura Lusófona do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, procura uma alternativa à metafísica tradicional do Ocidente, sugerindo a desejada união com o divino através de uma teoria da saudade que aponta para o regresso à unidade indeterminada da indistinção ou indiferenciação do “nada que é tudo” nesse extremo horizonte para lá das emoções e do pensamento. Devemos acrescentar que também Renato Epifânio se assume como herdeiro desta metafísica da cisão e da restauração, proposta por José Marinho, mas, ao contrário de Jorge Croce Rivera, não a interpreta no sentido panteísta de indiferenciação no Uno, mas sim no sentido de pantiteísmo. Na área do orientalismo, mas trilhando um caminho independente, estendendo-se por várias áreas, inclusivamente aos estudos marxistas, refira-se ainda o nome de Rui Lopo.

A filosofia gnóstica e oriental da imanência tem sido desenvolvida no âmbito do pensamento lusófono também na *Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias*, nomeadamente no curso de Ciência das Religiões. Neste âmbito devemos evidenciar as diversas edições do *Congresso Lusófono de Ciência das Religiões*, realizado em parceria com a Universidade Aberta e com o CLEPUL, sob a coordenação de José Eduardo Franco. Neste núcleo de estudo das religiões no espaço lusófono, devemos destacar também a ação de Annabela Rita, Fabrizio Boscaglia, Catarina Belo, Pedro Vistas, Teresa Lousa, Paulo Mendes Pinto e Henrique Pinto. O *Instituto do Cristianismo Contemporâneo*, sob a coordenação de José Brissos-Lino e Joaquim Franco, desempenha um papel importante nesta Instituição.

Na linha de investigação sobre as *Cosmovisões da Ásia*, coordenada por António E. R. Faria, destaca-se o trabalho desenvolvido por Diogo Lopes, presidente da união budista, e por José Barreno, presidente da Assembleia Geral da Associação Daoista de Portugal. Podemos referir ainda o trabalho de investigação de autores como Paulo Hayes, Henrique Machado Jorge, Vanessa Sirvain, Mariana Branco, Mariana Nunes, Joana Oliveira e Amândio Figueiredo. Esta filosofia de inspiração oriental concebe uma instância divina intuída como inefável infinito, que pode ser conceptualizada como “absoluto ou fundo sem fundo de tudo”<sup>31</sup> e que está para além de todos os limites do pensamento e da imaginação e que não se pode reduzir a qualquer forma de determinação, objetivação ou entificação. Defende Paulo Borges que por se tratar de uma experiência que permite perceber a realidade como um conjunto fragmentado de seres que se desvelam como inseparáveis desse seu fundo comum e convoca a um total despojamento dos modelos conceptuais, linguísticos e simbólicos que o procuram compreender, vive-se em plena perfeição e completude sem separações e carências e experiencia-se de forma exuberante de todas as maneiras possíveis.<sup>32</sup>

Este movimento filosófico é liderado por Paulo Borges que é o diretor em Portugal do *Círculo do Entre-Ser*, uma associação filosófica e ética inspirada nos princípios e objetivos da Ordem do Entre-Ser, fundada no seio da Escola Linji do Budismo Chan pelo mestre Thich Nhat Hahn. É um movimento espiritual que está em consonância com o programa do sincretismo e ecumenismo religioso proposto por Agostinho da Silva, incluindo a corrente teosófica de autores como António Telmo, que tem agora em José Manuel Anacleto um dos seus principais impulsionadores.

## **Conclusão: entre a metafísica pantiteísta da união impessoal e a metafísica teísta da comunhão pessoal na comum procura de superação do panteísmo e do deísmo**

A metafísica portuguesa contemporânea não tem um carácter monolítico, mas é uma filosofia plural, desenvolvendo-se em distintas correntes, de acordo com as tradições greco-romana, judaico-cristã e arábico-oriental, em sintonia com a sua diversidade de autores e temáticas. No entanto, as diferentes perspetivas contêm alguns traços comuns em termos epistemológicos, ontológicos, estéticos e teológicos que, no seu conjunto, permitem identificar

---

<sup>31</sup> BORGES, PAULO, *Vazio e Plenitude ou o Mundo às Avessas*, Lisboa: Âncora Editora, 2018, p. 12.

<sup>32</sup> Cf. BORGES, PAULO, *Vazio...*, p. 13.

uma tonalidade identitária. Tal como identificamos o que há de comum no realismo grego, no empirismo inglês, no idealismo alemão, no espiritualismo francês e no racio-vitalismo espanhol, também podemos situar em Portugal uma pluralidade de metafísicas sob as formas comuns de um “ideo-realismo” ou de um “racio-experencialismo”. Sob o comum princípio de correlação entre filosofia e teologia, ciência e religião, inteligência e afetividade, razão e emoção, é recorrente em diferentes gerações e distintas sensibilidades o recurso a categorias operativas que procuram a superação das antinomias, como, por exemplo, as de “razão experimental”, “razão cordial”, “razão comovida”, “razão poética” ou “razão misteriosa”.

Desenvolve-se assim uma metafísica lusófona da saudade que constitui a sua unidade na diversidade dos contributos ontológicos, científicos, literários, teológicos e estéticos. A metafísica portuguesa contemporânea tem em comum a procura da superação da cisão clássica entre panteísmo e teísmo, e da cisão moderna deísta, agnóstica e fideísta, recorrendo para tal a configurações da relação entre o Ser e os seres, Deus e o mundo, que se podem classificar no âmbito daquilo que José Maria da Cunha Seixas classificou de “pantiteísmo”. Tendo em comum a centralidade ontológica e teológica nas noções de “Mistério” e “Excesso” e a centralidade epistemológica e gnosiológica nas noções de “inadequação entre o pensar e o ser” e de “pensamento aporético”, a especificidade da metafísica portuguesa contemporânea consiste em evitar o monismo panteísta e o dualismo deísta. É recorrente o recurso aos princípios do panenteísmo emanatista de Plotino, Espinosa e Krausse e aos princípios do teísmo criacionista de Orígenes, Santo Agostinho e Tomás de Aquino que de forma implícita ou explícita se traduzem em dois principais modelos: a) o pantiteísmo emanatista da união divina impessoal, que vem de Cunha Seixas, Antero de Quental, Sampaio Bruno, Teixeira de Pascoaes, Agostinho da Silva e Eudoro de Sousa até José Marinho, Orlando Vitorino e Paulo Borges; o teísmo criacionista da união divina pessoal, que vem de Silvestre Pinheiro Ferreira, Leonardo Coimbra, António Dias de Magalhães e Afonso Botelho até Manuel Ferreira Patrício, António Braz Teixeira e Manuel Cândido Pimentel.

No sentido de se evitar o dualismo gnóstico que contaminou o teísmo na sua faceta pessimista da queda e redenção, este segundo modelo iniciou uma recente terceira via centrada nas metafísicas da manifestação e do desenvolvimento, com a noção de “criação sem queda ou pecado” e com a noção de salvação universal ou espiritualização cósmica sem inferno eterno que já estava presente no criacionismo leonardino. É nesta terceira via de uma metafísica da saudade futurante, que nos situamos, sob o magistério franciscano de Manuel Barbosa da Costa Freitas e Joaquim Cerqueira Gonçalves, na procura de superação de todos os resquícios de maniqueísmo e gnosticismo presentes ainda, quer no pantiteísmo da cisão e restauração, quer no criacionismo da

queda e redenção. Talvez o termo “pantiteísmo personalista” pudesse traduzir esta nova via, sem o monismo do panteísmo, sem a união impessoal do pantiteísmo, sem o dualismo moderno do deísmo e sem o dualismo gnóstico e maniqueísta do teísmo tradicional mazdeísta-judaico-cristão. Talvez o termo “teísmo da transcendência imanente” possa traduzir esta nova via de reconhecimento do carácter manifestativo e analógico da realidade na sua participação divina, no reconhecimento de que o termo latino teísmo já tem hoje o significado de superação do monismo panteísta ou panenteísta de Espinosa e o dualismo deísta e pietista de David Hume e de Kant. O corolário da metafísica portuguesa reside na teologia filosófica e na teologia espiritual sob as noções divinas de mistério infinito e amor universal.

## Bibliografia

- AA.VV., *António Telmo e as Gerações Novas*, Lisboa, Hugin, 2003.
- ABRANCHES, CASSIANO DOS SANTOS, *Metafísica*, Braga: Livraria Cruz, 1956.
- ANTUNES, MANUEL, “Fé e Teologia”, in *Obra Completa*, tomo IV, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- ANTUNES, MANUEL, “O pensamento e o Reino”, in *Obra Completa*, tomo IV, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- BORGES, PAULO, Vazio e Plenitude ou o Mundo às Avessas, Lisboa, Âncora Editora, 2018. Coimbra, Leonardo, “A saudade luso-galaica”, in *Obras Completas*, vol. VIII.
- COIMBRA, LEONARDO, “A saudade luso-galaica”, in *Obras Completas*, vol. VIII, Lisboa: INCM, 2014.
- DIMAS, SAMUEL / EPIFÂNIO, RENATO / LÓIA, LUÍS (Coordenação), *Redenção e Escatologia: Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa - Época Contemporânea*, vol. III, tomo 1, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2018.
- DIMAS, SAMUEL; EPIFÂNIO, RENATO; LÓIA, LUÍS (coordenação), *Redenção e Escatologia: Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa - Época Contemporânea*, vol. III, tomo 2, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2020.
- DIMAS, SAMUEL, *A Metafísica da Experiência em Leonardo Coimbra: Estudo sobre a dialéctica criacionista da razão mistérica*, carta-prefácio de Manuel Cândido Pimentel, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2012.
- DIMAS, SAMUEL, *A Metafísica da Saudade em Leonardo Coimbra: Estudo sobre a Presença do Mistério e a redenção integral*, prefácio de Maria Celeste Natário e Maria de Lourdes Sirgado Ganho e posfácio de António Braz Teixeira, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013.
- FIGANIÈRE, VISCONDE DE, *Estudos Esotéricos – Submundo, Mundo, Supramundo*, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, Casa Editora Lugan & Genelioux, Porto, 1889.

- FREITAS, MANUEL BARBOSA DA COSTA, *O Ser e os Seres: Itinerários Filosóficos*, vol. I, Lisboa: Editorial Verbo, 2004.
- GOMES, JESUÉ PINHARANDA, “Aspectos da filosofia católica em Portugal na 2.ª metade do século XX”, in *Lusitana Sacra*, 2.ª série, 12, 2000, pp. 315-354.
- GOMES, PINHARANDA, “Teosofia”, in *Dicionário de Filosofia Portuguesa*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1990.
- GONÇALVES, JOAQUIM CERQUEIRA, “Autonomia do curso universitário de filosofia (1957). A ação do prof. Francisco José da Gama Caeiro na Faculdade de Letras de Lisboa”, in CAEIRO, FRANCISCO DA GAMA, *A presença 20 anos depois* (Coord. de Maria Leonor Xavier), Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2014.
- HUSSERL, EDMUND, *A crise das ciências europeia e a fenomenologia transcendental – uma introdução à filosofia fenomenológica*, § 34, trad. Diogo Falcão Ferrer, Lisboa: Edição Phainomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008.
- MAGALHÃES, ANTÓNIO DIAS DE, “Da História à Metafísica da Saudade”, in *Saudade e Ser*, in BOTELHO, AFONSO e TEIXEIRA, ANTÓNIO BRAZ (Organização), *Filosofia da Saudade*, Lisboa: INCM, 1986.
- MARTINS, MÁRIO, *Introdução histórica à vidência do tempo e da morte*, vol. I, Braga: Livraria Cruz, 1969.
- MORUJÃO, ALEXANDRE FRADIQUE, “O problema da História na fenomenologia de Husserl”, in *Estudos Filosóficos*, vol. I, Lisboa: INCM, 2002.
- MORUJÃO, ALEXANDRE FRADIQUE, “Reflexão sobre a história na fenomenologia de Husserl”, in *Estudos Filosóficos*, vol. I, Lisboa: INCM, 2002.
- PATRÍCIO, MANUEL FERREIRA, “A filosofia da educação em Portugal no século XX”, in *História do Pensamento Filosófico Português – Tomo 2 – vol. V – O Século XX*. (Direção) Pedro Calafate, Lisboa: Caminho, 2000.
- PIMENTEL, MANUEL CÂNDIDO, “A Filosofia Criacionista de Leonardo Coimbra”, in AA.W., *História do Pensamento Português: O Século XX, direcção de Pedro Calafate*, V, 1, Lisboa, Editorial Caminho, 2000, pp. 55-102.
- SEIXAS, JOSÉ MARIA DA CUNHA, *Princípios Gerais de Filosofia e outras obras filosóficas*, Pref. de Eduardo de Abranches de Soveral, Lisboa: INCM, 1995.
- TEIXEIRA, ANTÓNIO BRAZ, “A ‘Renascença Portuguesa’, Movimento plural”, BORGES, PAULO; BÉU DE CARVALHO, BRUNO (Org.), *A Renascença Portuguesa, Tensões e Divergências*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2014.
- TEIXEIRA, ANTÓNIO BRAZ, *A Filosofia da Escola Bracarense*, Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2010.
- TEIXEIRA, JOAQUIM DE SOUSA, “Teologia Filosófica e experiência transcendental”, in REIMÃO, CASSIANO; PIMENTEL, MANUEL CÂNDIDO (Coordenação), *Os Longos Caminhos do Ser, Estudos dedicados ao Prof. Doutor Manuel Barbosa da Costa Freitas*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.
- TOMÁS DE AQUINO, *Summa contra Gentiles*, Madrid: BAC, 2007.